



A PASTORINHA

(Cliché do dist. phot. am. sr. A. Teixeira).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

À cobrança feita pelo correlo ou pelo entregador,
acresce o importe das despezas.

Extrangeiro—Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs

Numero 266

Braga, 3 de agosto de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palestras textues).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de . . . e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Baranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Paçalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com apatimento de 20 p. em duas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reteredo jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..

Vago

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Vago

BIBLIOTECA G...
ag. Nº. Coia
Data: 14/11/2005 1668
UCP-BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

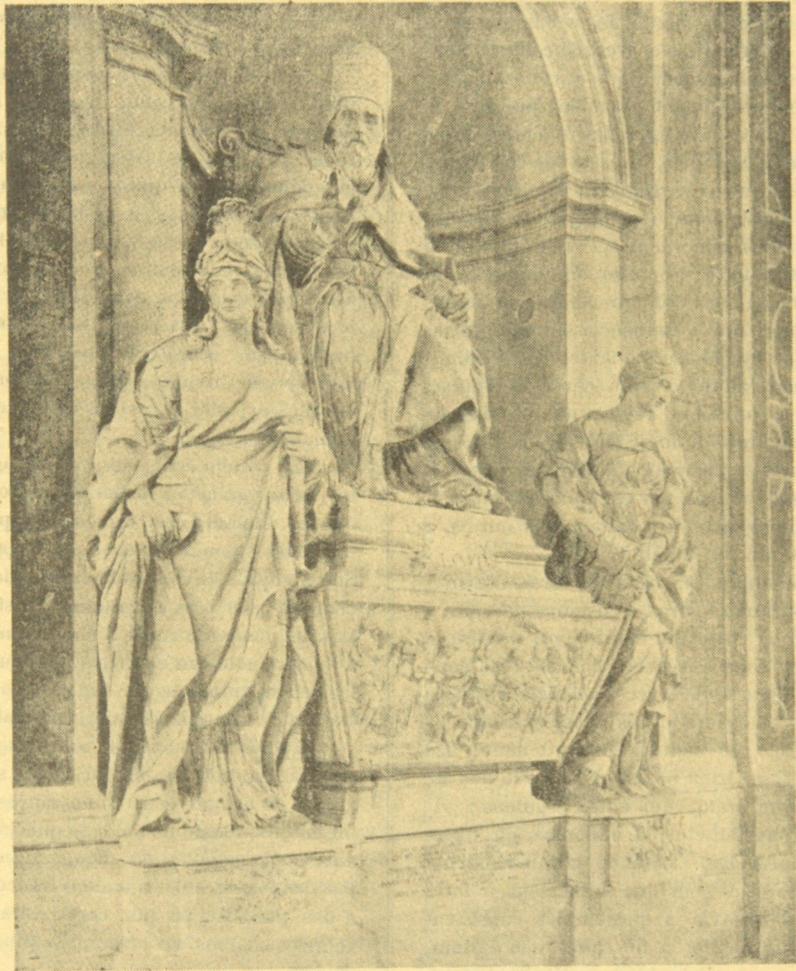
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 3 de Agosto de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 266—Anno VI



Monumento ao Papa Leão XI existente na Basilica de S. Pedro, em Roma.

BIBLIOTECA Portuguesa
FACULDADE DE TEOLOGIA
BRAGA



A' margem da vida.

BANDOS nocturnos destruíram, como os senhores sabem, as installações de um diário democratico da Invicta. De ponta a ponta, na imprensa, accordou um protesto que se tornava mais sincero á medida que era feito pelas gazetas monarchicas e catholicas, mais espectacularo nas paginas dos jornaes radicaleiros, immensamente óco nas dos collossos da lettra redonda. Aquellas fallaram por experiencia propria: na escrevaninha onde escrevo, ha ainda os signaes da vandálica malta que invadiu ha tres annos a «Liberdade» e só não lhe arrombou o cofre porque não pôde. Chefiava-a Militão Barbêdo. Os segundos bradam por politica, garantidos os havêres em companhias de seguro que transformarão o sinistro em salvaterio das bolsas empenhadas. Os ultimos, ah! esses fallam... agora. Eu bem os vi, nas épochas do terror vermelho, calladinhos como cúmplices borrados, perante os assaltos demagógicos, talvez philosophando sobre o augmento de venda avulsa e assignatura que obteriam, se o *presado collega* espafifado não pudesse voltar a circular—uma pechincha!

Porque os senhores fiquem sabendo que isto de solidariedade de imprensa é uma das maiores lérias que fructificaram n'este paiz, repasto de matilhas. N'aquelle léque em que os *vencidos da vida*, em cumprimento d'uma aposta perdida pelo Eça, na Granja, escreveram conceitos remordentes, creio que foi o Junqueiro que alludiu, a proposito de dentadas de cães, a jornalismo, e eu, desde que ando em fainas de imprensa, sempre que a eminencia d'uma injuria, d'um coice, d'uma traição se me antolha, recordo a phrase do Junqueiro adunco, como conselho l'pidar, por precaução. A principio revoltamo-nos. Depois afazemo-nos e tratamos de fugir do alcance da gymnastica dos quartos trazeiros d'algun proximo. A regra em jornaes catholicos, por exemplo, é tratarem elles de si, já que os catholicos tratam dos outros, e estes tratam do ventre, a sua alma!

O colosso de imprensa, meus senhores, é a imagem fiel d'essa burguezia sorna e cosmopolita que o Deherme profligou, chicoteou n'um livro celebre, e se caracteriza por uma ausencia inabalavel de convicções e por uma ardente e accomodaticia ancia de lucros. A elle e a ella vimo-lo nós a berrar contra os jesuitas, a proposito do centenario Antoniano, das festas ao Marquez, da Irmã Collecta, na colla dos estupidos *Ivraes* que bramavam entre espumas; vimo-los fossando nos detricos da bubonica, na miseria das *ilhas* empestadas, excitando criminosamente as turbas pedindo pão bem que soubessem á farta que o assalto não resolvia a questão das subsistencias. Vimo-los zumbaiando, como cafres não fariam, o demagogo *mór* que vélecipéda em Hendaya, com o mesmo fervór com que em arco embandeiraram

quando Sidonio Paes chamava bandidos da varanda de um hotel, aos jacobinos que acabava de esmagar na capital, ha um mez apenas. Toldam-se os ares, rosna-se que a desforra democratica se avisinha? E' vê-los ainda, amainando as velas do enthusiasmo sidonista ou disparando até sua fréchada viva contra o governo, para ao depois a amostrar como signal, de intransigencia aos hypotheticos triumphadores. Babujaram os reis e em 6 d'outubro de ha sete annos appareceram arremangados e de laçarotes verde-rubros, chamando para as redacções uns carbonariositos com fome para mostrarem que *elles tam-bem eram* ferventes apóstolos saúdadores da *nova aurora*.

Ah! *Je vous connais* laldes *masques* d'essa burguezia de balcões!

Os senhores não imaginam as putrefacções que ella vaporiza, e como anda o ambiente carregado de miasmas nos grandes burgos.

—Quem é fulano? perguntava eu ha dias por varias vezes curioso.

—Ah! não sabe? respondiam-me. E lá vinha uma historia núa como frescos de Pompeia e visões bestiaes da Sodoma feita em cinzas pelo fogo de Deus. As noites de Lisboa respiram hoje uma febre enlouquecente em que os nervos de centenas de milhares de individuos se deslaçam, n'uma hyperesthesia de prazêres caninos, repellentes! E a dôr pungente que nós inda sentimos, ao vêr toda esta farandola a rodopiar sacrilega, aqui, alli, a dois passos dos templos cerrados onde um Deus chóra o desabar da humanidade sobre cujos desatinos e crimes se aproximam sem duvida, as primeiras commoções dos cataclysmos expiatorios, sob os astros dispersos pela esplanada dos ceus...

Em cortejo com toda esta babugem de mar *morto*, as intrighadas rasteiras que colleam como *pequenas víboras* pelos corredores da politica, diminuem de valor. No entanto ellas são repulsantes tambem. Sob a cúpula envidraçada da sala das sessões *fervescem* em cachão as ataca!hantes hostilidades dos grupos. Os nomes de A ou B chegam-nos sempre ao ouvido enrolados em epithetos grosseiros. Ha uma *maledicencia* ambiente que tudo degenéra e emporcálha. Ha *um* zer especial em *dizer* mal de alguém.

E pelos meandros das *combinações* que se fazem e *desfazem*, dos commentarios que se recortam como gumes de adáguas—eu, como outros, temos talvez a mesma impressão do soldado que lá fóra, traga o *vinum compunctionis* da raça, impressão saudosa da paz das nossas aldeias onde o franco respirar da alma e dos pulmões dá por certo estranhas clarivencias sobre os charcos de prazer illuminados a lampadas de oiro...

F. V.

VIDA INTENSA

Por J. de Faria Machado.

A Semana.



Para fixar a crise d'indisciplina, de dissolução, que a sociedade portuguesa atravessa, não bastassem ventos de desvario e rajadas d'impudencia que por ahí ventanejam, em redomoinhos tragicos, as grêves constantes em que vivemos sobejariam para demonstrar o momento social, o futuro aterrador que nos espêra.

Sem ordem nenhuma sociedade pôde viver. A ordem politica pôde-se manter com energia mas a desordem social não se domina com bal-las. Só a prudencia, o tino, a disciplina, lenta e energicamente applicadas podem conjurar o mal. Petroff com o seu *Knout* subjugou a Russia sublevada, mas não pode suffocar a marea-zia tragica que, alargando, alargando, foi ir-romper n'uma galerna d'odios, na baralha sinistra dos *soviets*.

Pode-se conjurar uma revolução de momento, esmagá-la, inutilisa-la mesmo, mas difficilmente se conjura uma *grêve* que é a peor das revoluções porque mesmo extincta desorganisa e subverte. Para isso é necessario attender ás suas causas e prevenir os males dos seus effeitos.

Evidentemente as nossas *grêves* tem um character sedicioso, mas são sobretudo a consequencia de sete annos tragicos de anarchia e dissolução. O operariado vive n'essa indisciplina, anarchisado, sem respeito pela lei que lhe fizeram desrespeitar, sem attenção pelo estado que ensinaram a odiar, n'uma disposição constante para desordem. Por vontade propria? Não; por força das condições sociaes em que vivem, do momento que atravessam, que mais do que obra sua é a tarefa sinistra d'ambiciosos agitadores. Uma turba demagoga que tem fome de mandar aproveita-lhe a disposição, instiga-os e atira-os para essa constante contradança de *grêves*. E elles lá vão por fuleis pretextos, com toda a sua sem razão servir — n'uma passividade d'automatos — os interesses vis d'uma casta politica.

O que é preciso é dominar o momento social, que dominados estarão os residuos macabros d'essa *scie* de desordem. A prudencia d'um ministro valerá mais do que as coronhadas d'uma guarnição. A necessidade está na extincção completa d'essa gangrena demagoga que tudo corroe e que de tudo se aproveita,

se não para vencer, que não pôde, pelo menos para evitar que os outros vençam.

E isso é tão facil! Bastaria um pouco de energia e um pouco de senso commum. Mas se até o juizo se poz em *grêve*!... E *grêve* que ameaça não ter solução pois emquanto Mons. Ragonesi com uma habilidade que honra o seu tacto diplomatico, desbrava em Lisboa o terreno, onde ha-de colher a intelligencia do futuro Nuncio Pontificio, nós deixamos ainda ao abandono, o campo safaro de Roma. Eu suppuz que o sr. Sidonio Paes emquanto o sr. Feliciano da Costa se despede dos saltos hypicos, — que dos saltos politicos é que elle se não despede, tão maravilhosos tem sido os seus saltos da Rotunda ao Ministerio do Trabalho e do Ministerio até Roma — já teria mandado a estas horas para a cidade eterna, um encarregado de negocios, um diplomata habil e experimentado, que fosse preparando o campo ao jovem embaixador, que lhe fosse arredando os obstaculos da entrada, que serão bem mais difficeis de transpor que os obstaculos hypicos em que novo *Tayllerand* tanto se distinguui. Julgava a serio que do Ministerio dos Estrangeiros já teriam aballado os respectivos secretarios e os addidos escolhidos e bem escolhidos entre os raros competentes que alli existem como restos d'uma carreira que liquidou com honra em outubro de 910. Porque francamente se o sr. Feliciano da Costa tem qualidades d'intelligencia, de tenacidade e de correcção, falta-lhe, como não podia deixar de ser, o conhecimento do meio em que vae entrar, as mil enredadas tramas da carreira que abraça, mercê da sua bravura da Rotunda, o necessario *savoir faire*, que só na longa e demorada passagem pelas legações e pelas chancellarias se pode adquirir. Só acompanhado de pessoal experimentado e conhecedor de varias questões e processos, que não se assimilam de momento, poderá o nosso representante desempenhar cabalmente, por agora, o seu melindrosissimo cargo. Mas, nem o exemplo habil de Mons. Ragonesi fez reconsiderar os nossos estadistas. E' que no meio de tanta *grêve* o juizo tomado da insania do momento está em *grêve* tambem, *grêve* perigosa em que mais devemos recear da lealdade dos *esquirol* que da *sabotage* do inimigo....



DE FREY G'IL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.



LGUEM me suggere que sendo o *mexeriqueiro* differente do *ficcanaso*, e ficando o *intromettido* para além d'elle, tal como o descreve Lancelotti, talvez se ageitasse ao portuguez o composto *narimettido*.

Esses passaperles para entrar na lingua correm por outra repartição. Quem quizer lembre mais candidatos, que eu o mais que posso fazer é ver se trazem, na composura, o *nariz regular* dos passaportes. Conclue-se a descripção do *mette-nariz* ou *narimettido*, como queiram:

•A figura atéqui examinada é a do *mette-nariz* a largos traços, o *mette-nariz* generico.

Ha infinitas variedades como infinitas são as formas dos narizes. Ha o nariz comprido, que vence centenas de kilometros para se introduzir, sob forma de cartinha, no vosso quarto de dormir. Ha o nariz chato, que se achata contra todas as portas; o nariz largo, que se expande contemporaneamente em duas direcções oppostas; o nariz em bico, que sabe descer á rua precisamente á vossa passagem; o nariz á franceza, que, ao invéz, sobe até á janella do segundo andar da casa fronteira para saber que grau de parentesco ha entre aquelle rapaz e aquella rapariga que estão fallando á sacada.

•Por outras palavras: os *mette-narizes*, como alguns medicos, homens de sciencia, advogados, etc., especialisam-se. E é difficil que um *mette-nariz* especialisado invada o campo... dos collegas. Trata-se d'uma profissão como qualquer outra, e, embora não haja paga, é preciso exerce-la honestamente, sem causar damno á... curiosidade dos outros. Assim, o *mette-nariz* das desavenças domesticas, não se occupará das questões economicas; o *mette-nariz* dos escandalos conjugaes não se importará com as discordias entre artistas... É assim por deante. Cada um, exercitando-se n'um só ramo de actividade, alcança o apice da perfeição e leva um contributo preciosissimo para á coscõvilhice publica.

•Convém, comtudo, não esquecer o *mette-narizes menores*: seria injusto pô-los de parte só por não terem attingido o cume da perfeição da sua arte. Esses constituem uma legião immensa. Como em tudo, tambem nisto abundam as mediocridades. Inoffensivos como são, ninguem os aponta ainda á execração. Mas ser inoffensivos não significa sempre que não sejam incommodos. Os *mette-narizes menores* tem por dever seu, quando te vêem, inquirir, como decorreu a ultima recepção em tua casa, quantas pessoas estavam, como iam vestidas, de que côr, e que valor podiam ter, cada uma de per si e todas juntas.

Preguntam se havia lá senhoras formosas, se eram novas ou velhas, morenas ou loiras, altas ou baixas, gordas ou magras, se tambem lá estava a encantadora Emma C..., a virtuosissima Maria B..., a adoravel Olga M...; quem que lhe digas se houve *buffet* ou não; se esse *buffet* te custou muito ou pouco; a que horas se abriram as salas, que bailes se marcaram, a que horas acabou a grande e a pequena recepção.

O "mette-nariz".

«Os *mette-narizes menores*, em te vendo de fato novo não deixam de pedir noticias... até da cabra que deu a lâ (1) para se confeccionar a fazenda; se te encontram numa *charrette* de palhinha, apressam-se a perguntar até a posição topographica do prado donde veiu a materia prima de que foi feita; se te vêem abrir as folhas dum livro novo, são capazes de querer saber em que fabrica e com que especie de trapo foi fabricado o papel em que está impresso; se dão contigo a fumar por boquiha de marfim, querem talvez saber até o nome... do elephante de cujo dente foi tirado... E tudo isto o fazem com tanta ingenuidade, com tão innocente desejo de saber, que tu quasi estimas o desejo que os anima de saber das tuas cousas, e só depois de longos dias de insistencia perdes a paciencia de os ouvir e satisfazer.

•Porque o segrêdo pelo qual vivem, progridem e affligem a humanidade os *mette-narizes* inoffensivos ou não, é precisamente este: que ninguem os conhece. Todos cuidam abrir o animo com um amigo affectuoso, contar os seus casos a uma pessoa que nelles toma interesse por amizade, por sympathia. Mas logo que se manifesta clara a sua doentia e, não raro, perfida curiosidade, todos os esquivam; fingem, na rua, que os não conhecem; dizem, á porta, que não estão em casa quando elles lá vão; emfim, afastam-nos com modos muitas vezes polidos; outras vezes bruscos e violentos. Desde esse instante a sua bella carreira, começada e proseguida tão bem, naufraga miseravelmente entre humilhações, quando não é sob uma chuva de... murros.

Arthur Lancelotti.

Não presumo que algum destes compostos: *mette-nariz*, *narimettido*, seja acceito para traduzir exactamente o *ficcanaso* acima descrito. Muitos não de torcer o *nariz* á novidade. Os inglezes são menos difficeis nos seus compostos. Não me consta que tenham algum termo correspondente formado com ajuda do nariz. Mas fêem o substantivo *quidnunc*, um *quidnunc*; formado das palavras latinas *quid* quê, e *nunc* — agora. Um *quêsagora* vem a ser, em inglês, um homem que anda sempre á cata de noticias, mettendo o nariz em tudo, um *ficcanaso*, um *mette-nariz* ou *narimettido*.

Os allemães do seu *Nase* (nariz) forjaram o verbo *naeseln* farejar, e o adjectivo *NASEWEIS*, em que o segundo elemento *weis* significa *sábio*; o *NASEWEIS*, litteralmente é o *sábio pelo nariz*, o que conhece as cousas pelo nariz; primitivamente era: *de faro fino*, mas a accpção usual hoje é a de *indiscreto*, curioso, impertinente, *ficcanaso*, *mette-nariz*, etc. E como se não bastasse, fizeram o substantivo abstracto *NASEWEISHEIT*: a *narimettidice*!

Mettamos nós uma pitada no nariz e... até ao proximo serão.

(1) Traduzo o que vem no texto, por mais que me custe a imaginar lá de cabra. Discutir o assumpto seria questão... de *lana caprina*.

ALMA PORTUGUEZA

O' alma antiga e formosa,
origem d'illustre fama,
que navegaste com Gama
e ajoelhaste em Belem,
insuffla um sôpro de vida
n'este gigante, que dorme
junto d'um abysmo enorme,
onde a indolencia o retem.

Tu, que venceste em Ourique,
em Santarem e Lisboa,
tu que triumphaste em Gôa,
Malaca, Diu e Ormuz,
arma teu filho de novo,
torna lhe as armas primeiras,
o amor de suas bandeiras
e o respeito á sua cruz.

Tu, que lá n'Ajubarrota
e em Tanger, Ceuta e Arzila,
teus filhos levaste em fila
com um valor sem equal,
Faz, resoar aos ouvidos
a voz de guerra d'um dia :
S. Jorge! Santa Maria!
A'vante, por Portugal!

Tu, que d'este novos mundos
ao mundo já conhecido,
beijando-t: o mar temido
a prôa dos galeões,
dá-nos agora alma nova
para novas aventuras,
que se ergam bem ás alturas
dos versos de teu Camões!

Tu, que aos povos ostentaste,
em alliança sagrada
a cruz unida á espada
e a lealdade ao valor,
sacóde esta covardia
de filhos desnaturados,
para que escutem os brados
da fé e do patrio amor.

Tu, que outr'ora amamentaste
com o teu leite saudavel
esse santo Condestavel,
guerreiro e monge, por vez,
cria entre nós tambem hoje,
ao invex do antepassado,
o novo padre soldado,
não menos heroe talvez.

Tu, que geraste guerreiros
como Castro e Albuquerque
que, embora muito se alterque,
sempre os maiores serão,
entre nós levanta agora
quem assim affronte a morte,
quem tenha assim peifo forte
e tão leal coração!

Tu, que embalaste princezas
e rainhas de virtude,
cujo nome nos ajude :
Mafalda, Sancha, Isabel,
novas donas caridosas
hoje entre nós resuscita
e essa fragrança bemdita
de suas almas sem fel.

Tu, que foste a lealdade
em Egas Moniz honrado,
e que choraste do fado
da linda e infelice Ignez;
Tu fidalga no Regente,
em Henrique sonhadora,
docemente soffredora
no infante captivo em Fêz;

Tu, destemida e arrojada
na voz de teus marinheiros,
heroica nos teus guerreiros
e áleria em teus adais ;
Tu, sincera em tuas crenças,
amorosa em teus cantores,
bemfadada em teus amores,
fecunda em almas gentis ;

Tu, doua em João das Regras,
em Abranches inflexivel,
e em Phebo Moniz terrivel
para a traição combater ;
Tu, que em peitos lusitanos
puzestes rijos arnezes
e fadaste portuguezes
de antes quebrar que torcer ;

Tu, sempre grande em teu povo
d'uma grandeza serena,
e em Philipa de Vilhena
varonil e maternal ;
Tu, que, enfim, robustecida
com vigor todo celeste,
já por uma vez fizeste
resurgir a Portugal ;

Acorda o leão que dorme !
Não morreu ! Tem a alma fidal !
Sára-o tu ; chama-o á vida ;
mostra-lhe um novo porvir !
Para que, saindo em breve
d'esse torpôr que o invade,
o pregão da liberdade
possa de novo rugir !

D. e Nunes Tavares.

O PRISIONEIRO

A batalha fôra horrorosa. Logo de manhã, uma repentina chuva de granadas encherá de explosões e destroços a vanguarda do pequeno exercito.

— Portuguezes! — bradava o general — o inimigo ataca-nos de repente, sahindo da sua embuscada. Elle é poderoso e nós somos poucos. Traz centenas de canhões e a marcha cadenciada dos seus regimentos como que faz tremer a terra. Mas, se elles são muitos, nós,

A espaços, n'uma especie de terramoto, o solo parecia ter convulsões intermitentes que faziam oscillar os soldados e as proprias raras arvores e pedras.

*

Entre os soldados de infantaria portugueza, um, muito moço, de estatura mediana, olhar grande e meigo, disparava a sua espingarda, tão branco, tão livido, tão cadaverico, que parecia moribundo.



Monsão — Vista parcial da capella, casa e jardim do rev. Bernardino Reibello, em Riba de Mouro.]

sendo tao poucos, valêmos mais porque somos portuguezes. A'vante, pois, para gloria da santa bandeira da nossa Patria!

Mas a fusilaria e o canhoneio eram cada vez mais vivos. O inimigo avançava, pesado e formidavel. O ceu, nublado e triste, parecia verter gelo nos nervos e nas almas.

Mas os nossos, quasi todos volvendo os olhos ao espaço infinito, avançavam n'uma corrente compacta que, aqui e alli, se quebrava em ordem dispersa.

Era pavoroso o estampido da artilharia que ribombava como o oceano a avançar cheio de cólera surda para a praia, batida pelos ventos da Flandres.

Mas, quando tocava a avançar, era o primeiro de cabeça alta, expondo-se resolutamente á metralha, e enfim, quando o inimigo recuou diante d'aquelle punhado de bravos, viu-se aquelle jovem, sympathico e allivo, correr como um turbilhão, de baioneta calada, na primeira refrega á arma branca.

E o combate entrou na sua segunda phase. Os nossos pisavam cadaveres de camaradas queridos, mas iam tão arrebatados pelo entusiasmo e pela sêde da victoria, que parecia não saberem quanto o pavimento estava junçado de cadaveres portuguezes.

Foi horrivel o embate. O inimigo fez um ultimo esforço e veio, n'uma onda de ferro e

fogo, sobre o exercito portuguez, uivando pragas, e vozearias.

— Cães de allemães ! gritaram os nossos, e n'isto, o sol, tão raro no ceu da Flandres, pareceu levar alli alguma coisa da dçoura e do esplendor de Portugal. §

O inimigo, emfim rechaçado de novo, debandou, e as tropas portuguezas não perdendo o seu heroico impeto, proseguiram ao som do hymno nacional, tomando as posições dos allemães.

A batalha terminara assim, rizeira-se a revista do pequeno exercito e, notando-se as consideraveis baixas, lagrimas silenciosas tinham inundado as faces de quasi todos aquelles valentes.

O general ficára meditabundo e, não podendo proferir uma só palavra, deixára pender os braços n'um singular desalento.

— General — disse-lhe então um dos ajudantes ; a victoria foi nossa e, se perdemos alguns dos nossos melhores soldados, mais uma vez se cobriu de gloria a bandeira da Patria.

O velho militar ouviu, fez um enorme esforço para conter os soluços e, levantando-se bruscamente, murmurou :

— Tem razão, ajudante, grande exemplo temos nós na nossa historia n'aquella honrada e épica figura de D. João de Castro. Fazia-se um dos grandes cercos de Diu. Os Rumes atacavam com diabolica energia. Choveram os pelouros, explodiram minas de polvora, mas os heroicos sitiados oppunham tão admiravel resistencia que o inimigo, desmoralizado, recuou sobre o mar.

Este movimento, como conta Gaspar Correia, nas *Lendas da India*, deu coragem immensa aos sitiados. Uma onda de valentes portuguezes, tendo á frente dois frades de cruz alçada, desceu das muralhas, correu as portas e cahiu sobre os Rumes.

A victoria foi assim completa. As hostes de Rumeção embarcaram á pressa, ennegrecidas pela polvora e cheias de sangue. Mas, no meio d'esse triumpho, houve um grito de dôr, grito lancinante que parecia cortar tanto as almas como os espaços.

Um moço valente, um dos filhos de D. João de Castro, ficára despedaçado na trincheira.

Disseram ao grande Viso-Rei como aquelle dia de ventura fora aguado sinistramente pela perda de um dos seus filhos.

D. João de Castro respondeu com estoica serenidade :

— Por cada pedra d'essa fortaleza daria eu um filho, se o tivesse.

Meu caro ajudante, a minha resposta tambem deve ser esta hoje, porque meu filho, o meu querido e unico filho, lá ficou entre os mortos, mas para gloria da Patria.

Era aquelle moço pallido e triste que, valente como os mais valentes, affrontava a metralha e todos os perigos, epicamente, incomparavelmente.



O P.º Bernardino Reibello, executando ao piano bellos trechos de musica.

Veio a noite. O acampamento tornou-se festivo. Esqueceram-se os mortos e n'uma ceia alegre foram levantados brindes á doce Patria Portugueza.

Os soldados esqueceram então os seus mais queridos camaradas e os officiaes confraternizaram tanto com elles, que toda aquella massa brilhante e animada pareceu uma só e affectuosa familia.

Só o general, sorrindo dolorosamente, levantava a sua taça, livido como um espectro e, ao fim do alegre banquete, retirou-se tão

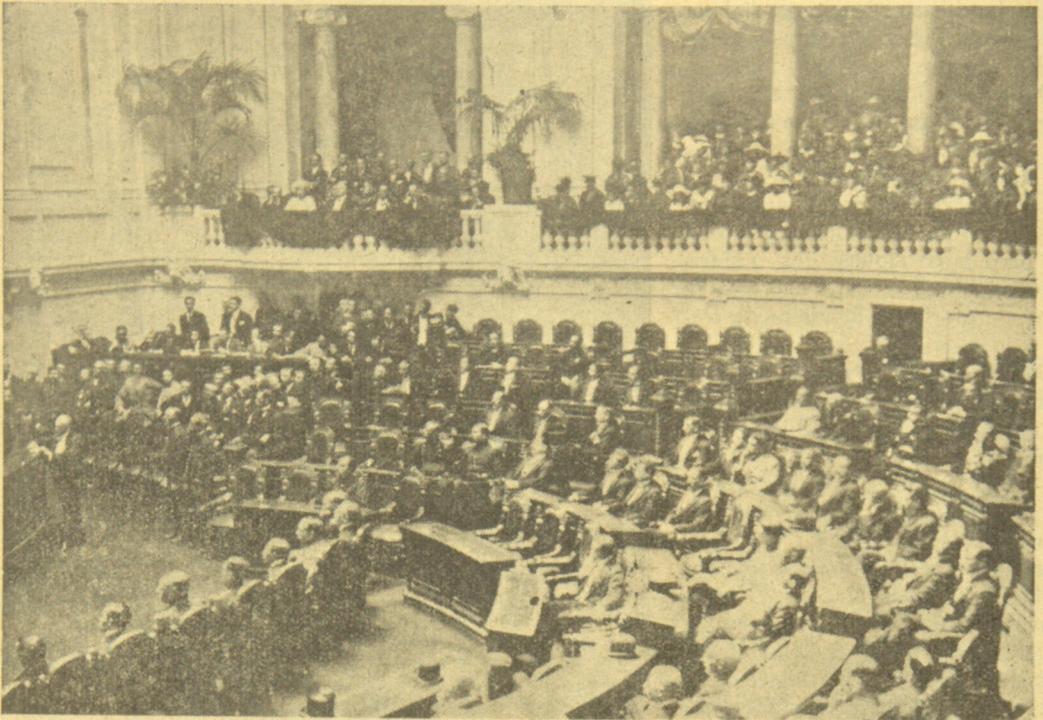
succubido, que todos se envergonharam do descuidado jubilo.

O velho militar recolheu-se aos seus aposentos e, cahindo de joelhos deante da Senhora do Perpetuo Soccorro, mais orou com palavras do que com lagrimas. Chorava de certo seu filho, chorava-o porque era o unico que tinha, chorava-o porque o moço alliava a maior valentia e pureza, a firmeza e grandeza do caracter.

Mas o que mais o pungia era a dôr que ia dilacerar a pobre mãe saudosa, a sua sempre querida companheira nos vaivens e angustias da vida. Esteve chorando e resando largo tempo e,

confusa dos soldados com impeto, singularmente saccudido. Começaram a enterrar os mortos que o general ia examinando cadaver por cadaver e, durante aquellas horas solemnes, não lhe tremeu um só musculo da face.

Mas o seu filho, o seu querido filho, não estava. Seria algum d'aquelles montões informes, algum d'aquelles mortos cuja identidade era impossivel verificar? Ah! como o velho militar rogou á Senhora do Perpetuo Soccorro luz para aquella, torturante duvida e como, cahindo irresistivelmente de joelhos sobre o solo ensanguentado, fez empallidecer e emmudecer os soldados attonitos!



Lisboa— Aspecto da sala do Congresso durante a leitura da mensagem do snr. Presidente da Republica vendo-se a tribuna do corpo diplomatico

quando se fatigou de vocalizar a sua dôr, descahiu como sem sentidos, aos pés da imagem da Virgem. Entretanto, lá fóra, os soldados terminavam de chofre o seu festim e, pensavam nos mortos e nos feridos, recaldeavam lembranças e saudades. A espaços, havia exclamações nervosas:

— Pobre 34! ficou com o peito todo espedaçado!

— Pobre sargento Xavier? que morte! mal se conhece a physionomia!

— Quem será este infeliz com os braços ambos partidos e um enorme buraco no peito?

O general voltou a si no meio d'estes clamores e lembrou-se de que devia procurar ver o seu filho. Não estava entre os feridos. Devia estar entre os mortos. Saiu dos aposentos com um passo convulso e atravessou a massa

Mas n'isto uma voz distante e arquejante, chegou até elles:

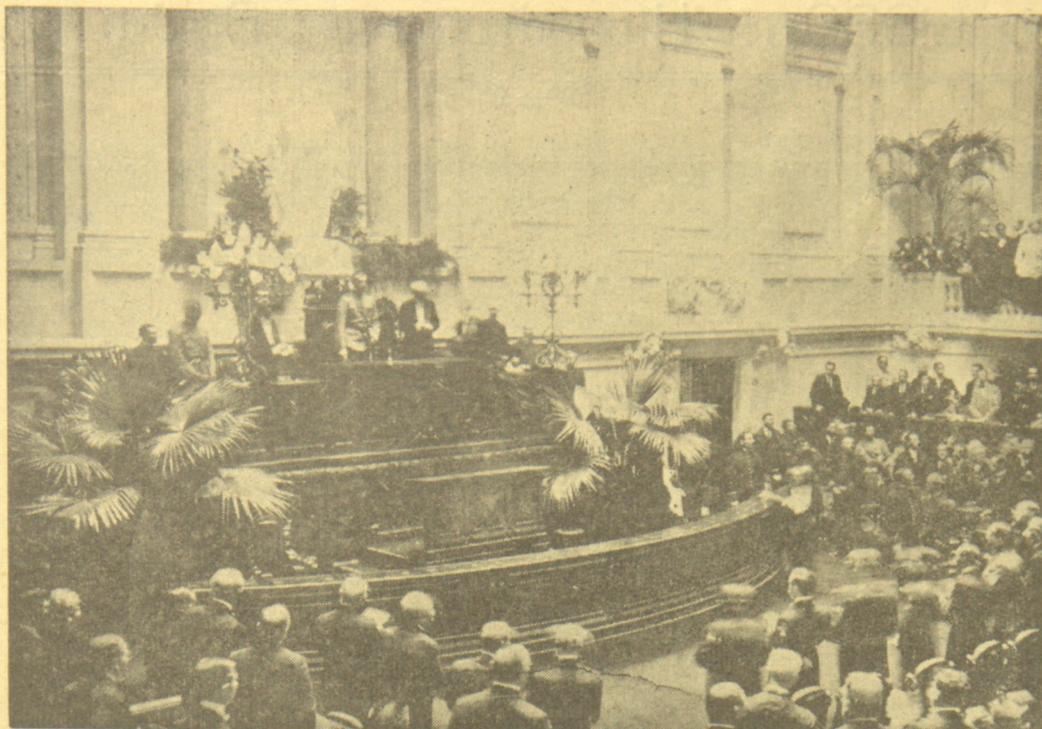
— Camaradas! Meu pae! E, cada vez mais perto, cada vez mais clara e firme, essa voz continuou:

— Fui prisioneiro... mas venho aqui... A Senhora do Perpetuo Soccorro permittiu-me que eu fugisse... Venhem a mim, camaradas!... Estou são e salvo... Meu pae...

D'alli a pouco, uma ineffavel alegria inundou de festa e consolo todo o acampamento.

E, de então por deante, aquelles bravos nunca entraram em combate sem ajoelharem, erguendo as mãos, n'uma prece ardente e enternecida á piedosa e milagrosa Virgem do Perpetuo Soccorro.

José d'Araujo.



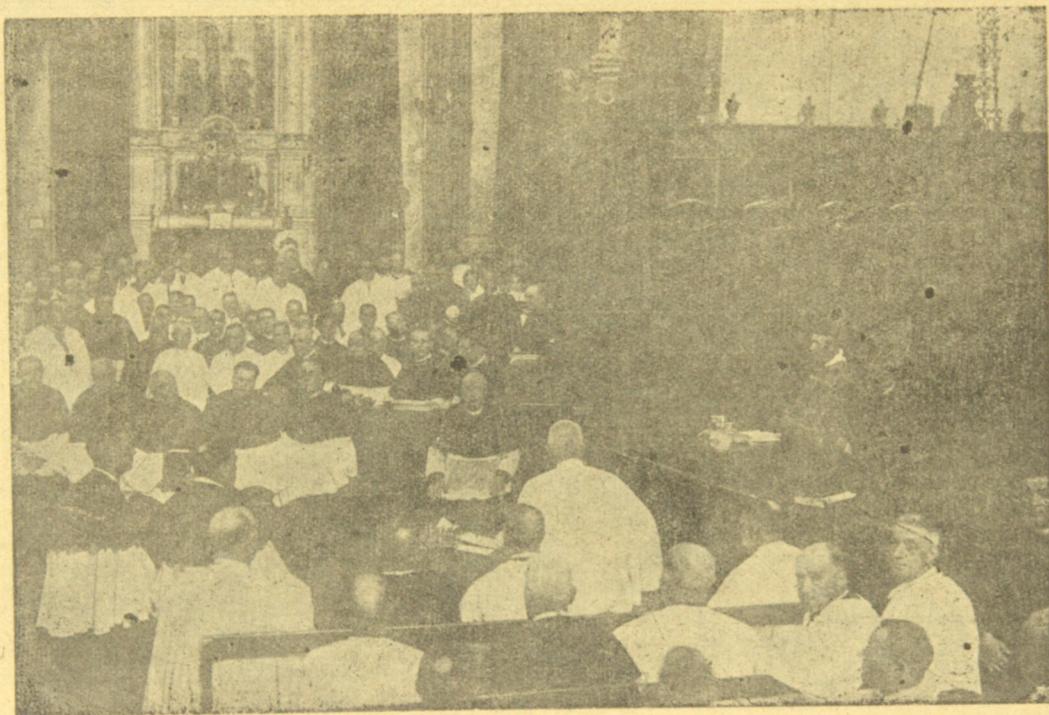
Lisboa—O snr. Presidente da Republica na presidencia epós a leitura da mensagem.



O snr. Presidente da Republica fallando com o snr. dr. Egas Moniz, á sahida da sessão solemne do congresso, acompanhado de varios parlamentares. Logo atraz do snr. Dr. Sidonio Paes + vê-se o sr. Dr. Alberto Pinheiro Torres, distincto parlamentar e *leader* dos deputados catholicos.



A primeira sessão do Synodo diocesano de Braga, nos dias 25, 26, 27 e 28 do mez de maio de 1913, na Igreja de S. Maria da Velha, de 11.ª a 13.ª e 15.ª de mar.



Outro aspecto da assistencia ao Synodo tirado da nave lateral.

FACTOS



Ceia — Em passeio pelos arrebaldes.
Cliché de Correia e Moreira).



Vizella — A menina Otília Claro filha do sr. Joaquim Figueiredo Claro, com seis mezes de idade.

GUERRA EUROPEIA



Cadaveres de soldados austriacos encontrados n'uma trincheira conquistada pelas forças italianas.



Artilheiros canadenses subindo um canhão de grosso calibre a uma posição avançada da frente inglesa.



Officiais ingleses fazendo busca aos prisioneiros alemães.



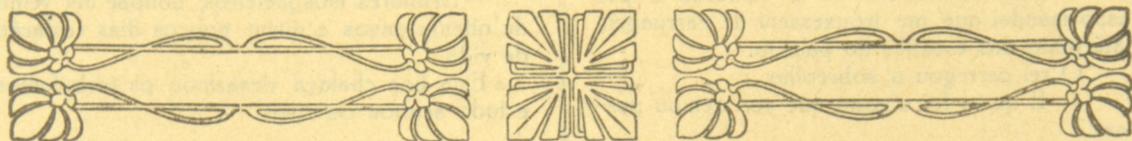
Tropas britânicas atravessando uma ponte construída sobre pontões.



Depósito de munições na retaguarda de linha de fogo inglesa.



Outro deposito situado na mesma linha inglesa.



Artilheiros ingleses conduzindo um canhão de grosso calibre para a frente da batalha.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Em nome dos mortos

Roquelaure ainda não era duque. Um dia, que chovia a cantaros, ordenou ao seu cocheiro que o levasse ao Louvre, onde só era permitido entrarem os embaixadores, os príncipes e os duques. A porta, gritou a sentinella:

- Quem sois?
- Um duque.
- Qual duque?
- O d'Épernon.
- Qual d'elles?
- O que morreu ha pouco.
- Podeis passar.



Temendo, porem a cõlera do rei, logo que chegou á sua presença, disse-lhe:

- Senhor, a chuva era a cantaros e por isso mandei que me trouxessem de carruagem até junto das escadas do palacio.
- O rei carregou o sobrolho.
- E quem foi o asno que vos deixou passar?
- E' mais tolo ainda do que vossa magestade julga, porque me deixou passar com o nome do duque d'Épernon já fallecido.
- O rei riu francamente.

Voltaire e Piron

Quando da primeira representação a *Semiramis*, de Voltaire, teve um acolhimento frio por parte do publico. Voltaire, encontrando-se com Piron nos bastidores do theatro, perguntou-lhe:

- Que pensaes da peça?
- Penso que vós estimarias que eu a tivesse escripto...

O'Connell

Daniel O'Connell recebia todos os dias numerosas cartas de pessoas a fazer-lhe qualquer pergunta somente para virem a possuir um autographo do eminente irlandez. Essas cartas foram um dia tantas que se esgotou a evangelica paciencia de O'Connell, que assim respondeu a um dos importunos:

- «Não insistiæis mais. Sei que descejaes um autographo meu, pois não o possuireis.— Daniel O'Connell.»

O grande orador no meio da sua ira não reparou que tinha satisfeito o pretendente.

Jovem e ancião

Quando Molière dirigia o theatro da Comedia, os mosqueteiros e os guardas do corpo entravam de graça, imponentes e provocadores. Molière solicitou de Luiz XIV a prohibição de tal abuso e o rei consentiu. Foi enorme a ira dos mosqueteiros e dos guardas, por isso na primeira noite de espectáculo irromperam pelo theatro e correram á espadagada publico e actores. O actor Bèjart, que era então muito novo e desempenhava n'essa noite um papel de velho, sahiu-lhes á frente e gritou-lhes:

- Senhores mosqueteiros, poupae um velho de oitenta annos a quem poucos dias restarão de vida.
- Esta boa chalaça desarmou os turbulentos e tudo acabou em risos.

Homem de quatro mulheres

Um cirurgião casou com uma mulher muito rica e, mezes depois, deixou-a e foi viver para Napoles; nesta cidade casou com outra que lhe trouxe mil cruzados de dote, deixando-a casou com a terceira em Veneza tambem millionaria, e aborrecido d'esta passou á cidade de Roma onde em breve arranjou uma quarta mulher, com trinta mil cruzados de dote. Mas a terceira mulher, enfurecida, seguiu-o e quando elle ia a sair do templo com a quarta mulher, saiu-lhe á frente, fez um berreiro infernal e denunciou-o ás auctoridades. Quiz o papa Sixto V ouvir o preso.

- Santissimo padre, confesso que casei com a primeira mulher não a conhecendo bem, e abandonei-a pelo seu mau genio; deixei a segunda porque seus vicios me envergonhavam, os caprichos da terceira me obrigaram a fugir-lhes, e se bem não conheço ainda a quarta cuido que tambem a não conservarei por muito tempo.
- O pontifice respondeu-lhe, rindo:
- Então, visto não ser possivel encontrar neste mundo uma mulher que vos sirva, bom será que vades procura-la no outro mundo.
- E ordenou logo ao governador de Roma que mandasse enforcar este regalão.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Complete sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoia de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha

Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniuns, oculos, pincenez, binóculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA